S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 11 de janeiro de 1913 — ANNO XII — N. 173

Publica-se aos sabados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH
Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Toda correspondência ao director

Cuspindo para o ar

ROMA, 4 (Havas) — O ministro dos Estrangeiros, sr. marquez de San Giuliano, respondendo á consulta de varias companhias italianas que desejam estabelecer uma linha directa entre a Italia e o Brasil, disse opinar não ser de grande utilidade o desenvolvimento da emigração para o Brasil.

(Do *Correio*, de 5).

E' esta a resposta que todos os governos estrangeiros devem dar á sucia de malandrins que pensam por meio de leis absurdas como a de expulsão de estrangeiros entravar o movimento da classe trabalhadora para a conquista da sua emancipação economica,

Estes desequilibrados julgam que o emigrante, o estrangeiro deve deixar na terra onde nasceu as suas convicções, o seu cerebro, a sua independencia moral e só conservar a robustez fisica do animal para poder carregar a carga pesada que lhe está reservada ao pisar o solo deste paiz.

Esta mesma robustez pela qual os exploradores do gado humano deviam velar, se lhes restasse um pouco de inteligencia pratica, no fim de pouco tempo desaparece por completo com o excesso de trabalho e de privações de toda sorte a que são submetidos os infelizes que se viram obrigados a vender os braços por um pedaço de pão, como podem ver todos aqueles que aqui vivem.

A corja encasacada de mãos dadas com a matilha de sotaina bate palmas, salta de contentamento cada vez que o povo recebe com a indiferença de muçulmanos os golpes que eles desfecham sobre o seu dorso magro e ferido de animal resignado.

Descendente a maior parte de escravocratas, daqueles que muitas vezes não tinham o menor escrupulo em vender os proprios parentes filhos de suas escravas, estes pervertidos que ainda trazem em si a crueldade do barbaro, herança atavica dos seus progenitores, destes crueis torturadores de homens da raça que durante quatro seculos de martirio arroteou e fecundou o solo virgem do Brasil, não trepidarão em ir cerceando, restringindo, anulando, pouco a pouco, á socapa, todas as conquistas liberaes para garantir-se o bem estar e perpetuar o dominio da classe a que pertencem.

Porêm é demasiado tarde para reconquistardes o terreno perdido, senhores da finança, senhores da batina. Deportai, expulsai os nossos camaradas, — as ideias aqui semeadas por eles já passaram pelas fazes de germinação e crescimento e agora a seara promete ser bela nestes novos campos outrora de aparencia maninhos.

Não percebeis que a gangrena já se apoderou do vosso organismo e que baldados serão todos os paliativos com que procurais prolongar a vossa existencia!

Quanto a nós, só nos resta cavar bem funda a vala onde sereis precipitados.

Desejariamos de todo coração evitar-nos este trabalho, se fosse ainda possivel curar-vos. Porêm deixemo-nos de quimeras, — era o mesmo que dizer ao tigre de não devorar mais a vitima que lhe cai entre as garras.

Tratem de ir saboreando os ultimos bocados do festim de Baltazar, porque os persas não tardarão a entrar em Babilonia.

Cuspistes para o ar...

Rio, 6 — 1 — 1913.

Adrecal.

O "prisioneiro" do Vaticano



A lenda — A realidade

OS SANTOS REIS

Da suposta vida e milagre de Cristo, só muitos anos depois do seu desaparecimento e daqueles que os poderiam ter rodeado, principiaram a correr umas vozes confusas e contraditorias. Estas vozes confusas foram-se fixando em caracteres escritos e circulando de mão em mão, sob a fórma de pequenos livros chamados Evangelhos, pela fórma porque ainda hoje circulam, entre o nosso povo, a historia dos «Corcovados de Santarem» e o «Bertoldinho» — escritos não se sabe onde nem por quem.

Muitos desses Evangelhos foram considerados apócrifos pela Igreja, que apenas considera canonicos os quatro que mais lhe conveem e que se dizem escritos ou ditados por Mateus, Marcos, Lucas e João.

Quem são, porêm, estas personagens? Onde nasceram, onde viveram, qual é a sua genealogia? Ignora-se. Diz-se, sem fundamento, que viveram no seculo de Augusto, no apogeu da literatura e da historia de Roma, na Judeia, que então era dominada pelos romanos. Os grandes historiadores e literatos desse tempo dão conta de factos muito secundarios; mas nenhum deles se refere a Mateus, Marcos, Lucas ou João. E são estes, que não teem quem deles faça fé, que fazem fé da existencia de Cristo!!!

Ha uma serie de dúvidas que constantemente surgem sempre que se trata de averiguar a existencia do personagem a quem se referem os Evangelhos. Muitas outras existem, porêm, e uma delas é referente aos «santos reis», de que reza o calendario catolico depois de amanhã.

Os reis magos, diz a Igreja, foram adorar Cristo porque ele era o «rei dos reis». Ora, o rei dos reis era, então, Augusto. Como foi que Deus o não escolheu para fazer parte dessa adoração? Teria sido uma conquista que impressionaria todo o mundo romano e que confundiria o judaismo. A Judeia encontrava-se então sob o mando de Augusto, escravizada á Roma, e isto seria motivo para que a adoração duma tão grande personagem fosse um exemplo que evidenciasse o «rei dos reis» e glorificasse o poder de Deus.

Sucede porêm, que os três reis minusculos, que viram o homem-deus, não levaram o cristianismo para à Persia, emquanto Roma, seculos depois, abraçava a cruz de Cristo!

Como tudo isto é quimérico e não resiste a uma análise imparcial!

Se Cristo tivesse existido no seculo de Augusto, não era natural que tivesse ido a Roma, então o centro da civilização, e ali prègasse as suas doutrinas? Todos os homens sapientes, todos aqueles que se sentem animados dum espirito de evangelização, procuram os grandes centros educativos e de discussão, afrontando até a morte, se tanto fôr necessario. Servet, Giordano Bruno, S. Paulo, mil outros assim procederam. Cristo não. Preferiu, segundo dizem os evangelistas, prègar aos ignorantes, àqueles que não podiam compreende-lo e que ainda mesmo quando se convencessem da verdade das suas palavras, nunca poderiam tornar-se correligionarios tão valiosos e bons prosélitos como os poderosos romanos. Preferiu deitar perolas a porcos, prègar aos judeus que, depois de vinte seculos, ainda não acreditam na sua doutrina!

Da historia de Maomet conhecemos todas as particularidades: a sua familia, a tribu de que era descendente, toda a sua vida. E' verdade que viveu seis seculos depois daquele em que se fixa a existencia de Cristo; mas estava-se no principio da Idade Media, em plena barbaria e Maomet pertencia a um povo barbaro. Pelo contrario, Jesus, se fosse verdade o que afirma a Igreja teria vivido num século de brilhante civilização e sob a soberania do povo romano, no apogeu da sua grandeza. Assim, ainda que Maomet tenha vivido «cronologicamente» depois de Cristo, «historicamente» este pertence a uma época muito mais avançada e em que os minimos factos se registavam. Como é, pois, que tudo se sabe de Maomet e tudo se ignora de Cristo?

E que dizer do silencio e da incredulidade dos judeus?

Sobre a existencia de Cristo, temos apenas como ducumentos os Evangelhos, que evidentemente, não são mais do que um produto da imaginação popular, deturpadada através das idades.

Como podemos nós acreditar naqueles que nos asseguram ter visto caminhar sobre as aguas, expulsar os demonios dos corpos dos possessos, ressuscitar os mortos e fazer mil milagres?

Aqueles que se referem a uma visita dos fantasticos reis, hoje reverenciados pela Igreja: duma estrela que se converte em archote para os guiar; dum absurdo morticinio de inocentes impossivel no territorio romano, sob o governo de Augusto; aqueles que dizem que Deus se converteu num germem imperceptivel para penetrar nas entranhas duma mulher, afim de surgir como qualquer mortal, estão a caçoar com o bom senso humano, com a sciencia e com tudo quanto a boa razão nos indica.

Lino de Macedo.

A "Lanterna" em Portugal

E' nosso representante em Lisboa, autorizado a tratar de tudo que se refira a esta folha, o cidadão Neno Vasco, residente á rua da Barroca, 94, 2.º

EM SANTA RITA DE CALDAS

Padre D. Juan sovado na igreja

Por causa de uma conquista padrecal — Igreja transformada em frege — Santa baleada — O padre azulou depois da tunda — Consequencias da ignorancia e fanatismo.

Sabem onde fica tal cidade? A umas oito leguas distante de Poços de Caldas. Conhecem-na? Talvez não, porque é uma vila nova e de pouco desenvolvimento.

O progresso, ali, ainda não entrou, nem entrará tão cedo em virtude do clericalismo que enfelicita aquele povo, que bem podia estar *escabriado* com a observação dos vergonhosos factos praticados pelos padres a quem tem sido confiada aquela paroquia.

Conhecem o padre Capello?

Ele ali foi vigario. Isto basta, porque a sua historia como vigario naquela localidade é uma pagina negra, tão negra como as vestes dos roupetas que empestam o Brasil.

Não é dele, porêm, que pretendo falar. E' doutro, que como os demais merecem o mesmo conceito. Quero falar dum que para ali chegara pelos fins do ano passado, procedente de Portugal, donde saíra expulso em virtude da lei criada por aquela novel republica.

E que fez ele para merecer a honra de uma referencia pelas colunas da *Lanterna*? Não sabem? Chegando áquela paroquia, tratou de cretinizar aquele povo da melhor maneira possivel. E isto, todavia, não era mais do que continuar um trabalho começado desde muito tempo.

Mas ele foi alêm. Não contente com se fartar de lucros tirados de sua santa exploração — quiz, tambem, como Capello, dar-se á conquista de mulheres, transformando-se em perigoso e atrevido *Don Juan*. E tal foi a sua audacia que chegou a seduzir certa senhora bonita e nova, mas casada, que lhe custou grandes dissabores, porque o marido, não sabemos lá porque cargas d'agua, veiu a saber de tudo e quiz pôr côbro ás *santas* pretenções do repelente sotaina.

Assim foi que por uma tarde de novembro do ano passado, á noitinha, quando o rev. vigario daquela paroquia entrava na igreja e se dirigia para o altar afim de realizar as cerimonias de uma novena, foi inopinadamente victima de uma agressão, á mão armada, por parte de um grupo de trinta pessoas mais ou menos, o qual, sob o comando do chefe politico local, deu-lhe uma formidavel surra, da qual, felizmente, escapou com vida, mas bem assinalado, bem contundido, bem penitenciado.

Foi, então, uma tristeza!...

O cacete, o chicote e o muque entraram em acção, para provar ao rev. que não é permitido á gente ir entrando em seara alheia.

E como tal vingança obedecia a forças intuitivas, os agressores. no auge de sua revolta, na explosão de seus sentimentos, dispararam tiros, cravejando de balas as paredes. o tecto e os altares da igreja.

Foi uma loucura, um delirio que os acometeu naquele momento, resultando dar-se, por esse motivo, um *gravissimo delito*, que, com certeza, não deixou de os molestar bastante: a imagem de Santa Rita de Caldas foi atingida pelos projetis saídos das suas armas! A santa quasi ficou reduzida a pandarecos!

Que crime!...

Até os sântos na igreja não estão garantidos quando os animos se exaltam na revolta cantra os homens de roupeta!

O padre portuguez, escapo daquela feita, tratou de dar o fóra o quanto antes possivel, mas isso, para cumulo de infelicidade, foi-lhe dificil.

Os seus inimigos, postados nas proximidades da sua residencia. permaneciam, ao redor de uma fogueira, á espera do rev. — talvez para lhe dar cabo da vida.

Que apuros!

Uma providencial circunstancia, porêm, deu-lhe um momento venturoso naquela triste situação. Começou a chover pelas altas horas da noite e, com isso, apagada a fogueira, desaparecidos os seus inimigos, poude o rev., protegido por algumas pessoas, dar ás de *Vila Diogo*.

E fez bem.

Que a lição lhe seja proveitosa, eis os nossos votos.

***

Como consequencia disso, todavia, deu-se logo depois, na mesma localidade, após a visita pastoral, um outro facto, que por ser monstruoso merece ser registado nestas colunas: o genro do sr. Higino Pinto, que era decidido e incondicional amigo do padre fugitivo, ao entrar na povoação, foi tambem agredido pelos mesmos capangas, que lhe fizeram uma descarga, prostrando-o ao chão, varado por balas assassinas.

E que fez a justiça? Nada, absolutamente nada. O morto era um inimigo politico e o mandatario do assassinato o chefe da localidade, cujo povo alia os prejuizos do fanatismo aos sentimentos da perversidade.

E' preciso justiça naquela terra.

Novo caso Ferrer

Na Grecia (um dos paizes que "civilizam" os turcos) esteve a ponto de se consumar um crime como aquele que vitimou Ferrer.

Um advogado de Volos, Constantino Zacos, contribuira para a organização e federação de sindicatos operarios e fundara um jornal, *Ergatis* (Operario). Grande e horrivel crime!

Mas fizera mais, o scelerado! Defendera no tribunal um grupo de operarios, acusados pelo arcebispo de Volos do nefando, crime de ateismo e de ideias anticristãs. Horror!

Os herejes foram condenados e o advogado preso como chefe e organizador de inimigos da Patria, do Estado, da Igreja e de outras instituições igualmente santas e veneraveis.

Afirmava-se mesmo que ia ser fuzilado como traidor á patria. Mas em todos os paizes, sobretudo em França, foi logo organizado um energico protesto, e o governo grego, que talvez precise neste momento de não levantar antipatias na opinião europeia, largou ultimamente a presa, com ou sem vontade, esperando porventura melhor ocasião, como fez a monarquia espanhola a respeito de Ferrer.

O Cristianismo e a Emancipação social

Se alguem, sob pretexto de piedade religiosa, ensinar o escravo a desprezar seu senhor, a subtrair-se á servidão, ou a não o servir com boa vontade e amor, seja anatema. — (Cánon do Concilio de Gangra, ano de 334).

A Igreja procurou sempre opor-se á emancipação e á revolta dos humildes. Exactamente como o seu cumplice, o Estado, ela sempre exerceu contra as classes laboriosas uma politica ora suave, ora violenta e brutal, afim de deter ou empolgar os movimentos de reivindicação.

Ha muito tempo que a Igreja, tendo verificado a sua impotencia para impedir a marcha ascendente do sindicalismo, se pôs a fundar em todos os paizes sindicatos cristãos, para os quais atrai o maior numero possivel de operários.

A Igreja foi sobretudo bem sucedida na Belgica e na Alemanha, onde foi ajudada na empresa pela existencia de sindicatos enfeudados a partidos politicos e sob a tutela directa destes.

Pelos exemplos passados sabemos que sindicalistas cristãos e sindicalistas amarelos (isto é, crumiros, traidores á classe operaria) são sinonimos. Não porque os cristãos são forçosamente amarelos, pois sob a férula capitalista são por vezes obrigados a revoltar-se apesar de tudo: como exemplo, a greve dos cardadores de Mazamet (1909), na qual se viu uma população na sua maioria catolica lutar contra um patronato radical e entregar-se a uma acção directa muito energica. Mas se esta revolta se produziu é porque os cardadores de Mazamet, embora catolicos, agrupados num sindicato confessional, não estavam sob a chefia e a direcção dos padres e dos carolas de marca.

Inumeros são os casos de traição por parte dos sindicatos cristãos na historia das lutas operarias. Entre os exemplos que acodem á memoria, basta citar a atitude dos sindicatos cristãos de mineiros que, na Alemanha, durante a greve de março de 1912, na bacia de Westfalia especialmente, desempenharam o papel de fura-greves, incitando os seus aderentes a continuar o trabalho apesar da cessação resolvida e realizada pelos outros grupos sindicais.

E' aliás a doutrina da Igreja, que sempre facilitou aos poderosos do dia a exploração dos humildes, propagando entre estes a resignação

e prègando-lhes que a sua situação é querida por Deus e é criminoso revoltar-se.

E não nos venham os casuistas com os sempiternos *clichés* da Igreja lutando contra a escravatura; porque então teriam de nos explicar por que motivo a Igreja, omnipotente na idade-media, não suprimiu a servidão, mas pelo contrario a justificou.

Já no Novo Testamento é sancionada a escravatura, encontrando-se ali prescrições como as seguintes:

"Escravos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como ao proprio Cristo; não fingindo servir como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo do coração a vontade de Deus..." (Epistola aos Efésios, VI, 5 a 7).

"Exorta os escravos a que sejam submissos a seus senhores, que em tudo lhes comprazam, que os não contradigam, que não procurem subtrair-se ao seu serviço, que em tudo lhes testemunhem inteira fidelidade, para assim honrar os ensinamentos do nosso Salvador." (Epist. a Tito, II, 9 e 10).

E esses conselhos foram prodigalizados no decorrer dos seculos, ouvindo-se, por exemplo, durante a guerra da Secessão na America, num sermão prègado em Nova-Orléans, a 29 de novembro de 1860, as palavras seguintes:

"Nesta grande luta, defendemos a causa de Deus e da religião. E' impossivel negar que o espirito abolicionista seja espirito ateu. A nossa missão é preservar, transmitir á posteridade o nosso sistema de escravatura, e obter para ele o direito de se propagar e de lançar raizes por todas as partes onde a Natureza e a Providencia lhe permitam desenvolver-se."

E como tambem o faz notar E. Ciccotti na sua obra sobre *O declinar da escravatura no mundo antigo*: "se o cristianismo é incompativel com a instituição da escravatura, como explicar que a escravatura tenha podido ressuscitar e desenvolver-se no proprio seio da sociedade cristã, mantendo-se até ontem nos paizes que mais apêgo teem ao seu renome de cristãos, sob a capa de leis cristãs, sob a égide e os auspicios dos governos e soberanos que afirmam ser depositarios privilegiados e defensores da fé cristã?"

A Igreja amparou ontem a escravatura, como ampara e justifica hoje a proletarização, porque é uma força de conservação social e não de transformação. A sua doutrina fundamental é a resignação, a submissão; ora evidentemente só graças ao espirito de revolta é que se poderá realizar a emancipação do proletariado.

Paris, dezembro de 1912.

Henrique Chapey.

PEDRO KRAPÓTKINE

Um periodico espanhol, Tierra y Libertad, *refere que Krapótkine se encontra doente e sem recursos suficientes para se tratar. Esta noticia confrange a alma. Krapótkine é simplesmente, hoje, um dos homens mais notaveis, senão o mais notavel da humanidade. O seu valor não é apenas intelectual — é moral, é espiritual. Não é só um sabio. Pode dizer-se que é um santo — um santo moderno, porventura maior ainda, mais admiravel ainda do que esses outros santos que sacrificaram os prazeres transitorios da vida com a mira nas delicias eternas do céu. Krapótkine tem prègado o amor com a palavra e o exemplo; tem feito o bem; a sua intervenção nos destinos humanos é de uma alta e consoladora expressão de resgate e de ventura. E' um apostolo de verdades novas que simplesmente nas sublimidades humanas encontra o segredo das perfeições futuras. Mas, se a sua predica é cheia de ideal, a sua vida é cheia de sacrificios. Tudo abandonou, para se tornar verdadeiramente irmão de uma humanidade oprimida e dolorosa. Era principe, e tornou-se proscrito. Era rico, e tornou-se pobre. Para ter a felicidade vulgar das almas egoistas, bastava-lhe deixar-se viver. Afrontou a miseria e a dor. Colocou-se, sendo um sabio, ao lado dos ignorantes. Amando a beleza das coisas penetrou na fealdade dos tristes bairros proletarios. Mas o seu exemplo fulgura. Ha milhares de almas que escutam a sua voz como a de um Messias. O maior dos seus livros,* A Conquista do Pão, *é um Evangelho. Será por isso que está prestes a morrer, num Calvario obscuro, como os renovadores, como os genios? Se assim suceder não lamentarei apenas a sua sorte. Está na logica dos destinos dos grandes homens. Lamentarei a humanidade moderna, tão deshumana que ainda permite esses calvarios, e corresponde com o abandono e a indiferença aos mais belos impulsos do espirito para a levantar!*

Mayer Garção.

(Do *Mundo*, de Lisboa).

DA PORTA DE EUROPA

A greve geral de 24 horas em França. — 600 mil grevistas. — Considerações que devem entrar em conta. — A atitude da imprensa e a atitude da policia. — Não houve greve! não houve coisa alguma! — Um confronto engenhoso do «Temps»: os 47 camponios de Arracourt e os 600 mil grevistas de França. — Uma consideravel minoria activa — O cinismo brutal de um financeiro — «Antes a guerra e a derrota do que a revolução!»

LISBOA, 21 DE DEZEMBRO

A greve geral de 24 horas, resolvida pelo congresso extraordinario da Confederação Geral do Trabalho francesa e efectuada em 16 do corrente, como advertência ao govêrno, alcançou o seu fim: a voz operária soou bem alto.

Graças aos cartões de greve distribuidos, pôde fazer-se uma estatística aproximada: houve em Paris 110 a 120 mil grevistas e em toda a França seiscentos a setecentos mil. Os comícios foram numerosos e concorridos por todo o país e a manifestação de Lião revestiu uma especial imponência, provocando as cóleras da polícia.

Metamos agora em conta que certas corporações, como a dos ferro-viários e a dos serviços de saúde, não fizeram greve de acôrdo com a Confederação; que sôbre outras pesaram a ameaça e o terror governamentais e patronais, não se decidindo muitos operários a fazer greve por julgarem não valer a pena arriscar o pão dos filhos por um simples protesto de um dia, protesto que não despedaça, como uma crise revolucionária, como uma mobilização, interesses e situações; que algumas organizações operárias sentem ainda demais e influência de guias timoratos ou comodistas ou de maus pastores incapazes de pôr de lado, em quaisquer circunstâncias, o seu ódio aos homens e métodos da Confederação; que se tratava de uma ideia geral e de um interesse superior, que dificilmente apaixonam a massa; — metamos tudo isso em conta e faremos uma ideia da importância desta manifestação, do valor e intensidade dos sentimentos que animam o proletariado francês, do que significava e representava aquele número de grevistas. Estamos felizmente bem longe do feroz «A Berlim! A Berlim!» dos patrioteiros de 1870! Os patrioteiros actuais em parte alguma da França ousaram organizar uma contra-manifestação.

Naturalmente, a imprensa a serviço dos financeiros e do govêrno, tendo antes guardado o silêncio por ordem dêste, tratou de desfazer no movimento, vendo-se embora forçada a ocupar-se largamente dêle, a imitação da polícia, pródiga em demonstrações de fôrça, assaltos de locais, prisões e cutiladas. E' preciso dar aos indecisos, aos indiferentes, a convicção de que em todos reina um grande ardor guerreiro e todos estão prontos a «cumprir o mais sagrado dos deveres»: o de defender os interesses financeiros e a fácil saída do porco sérvio.

A greve? Um desastre completo. Grevistas? Algumas dezenas, que foram beber para as tabernas e que Paris não notou. Comícios? De meia duzia de gatos; num deles (que por sinal foi muito concorrido) houve tam pouca gente, que os oradores desistiram de falar. O comício-monstro de Lião (50 mil grevistas) e a manifestação? Nada; alguns vagabundos que agrediram a polícia.

O grave *Temps* confrontou mesmo, triunfantemente, as duas mobilizações: a de Arracourt, unánime e alegre, e a da Confederação, gorada. A primeira deu-se por engano, diz o govêrno; foi um balão de ensaio, para «armar ao efeito», afirmam os revolucionários. Chamados de repente, *quarenta e sete* reservistas, pobres aldeões de Arracourt, perto da fronteira, arrancaram-se a custo aos braços das familias lacrimosas. O *Temps* tem razão: êsse triste gesto de obediência passiva, do gado a caminho do matadoiro, não se parece absolutamente com o ousado gesto de revolta dos 600 mil grevistas contra a guerra!

Ah! sem dúvida, os grevistas fôram ainda poucos para o desejo dos que anseiam por uma nova era; mas o seu número é já considerável e animador. Muito menos, muitíssimo menos proporcionalmente, foram os que iniciaram e mantiveram a revolução de 1789. Se uma revolução, sobretudo social, fundamentalmente económica, não pode, para se radicar, ter a hostilidade das massas, a verdade é que, hoje como ontem, estas seguirão a iniciativa das fortes minorias, promotoras, empreendedoras, audaciosas.

Não, o povo não quer a guerra; e a parte mais inteligente dêsse povo, sobretudo nos países de mais adiantada evolução social, mostra-se disposta a impedi-la a todo custo. Demais, não a querem tampouco muitos outros que não são operários nem revolucionários; mas querem-na firmemente e tratam de a provocar os financeiros e grandes industriaes, como francamente o declarou um dêstes dias, segundo refere e garante o velho e ilustre sábio Laisant, um importante banqueiro de Paris, surpreendido num colóquio. E' preciso — disse substancialmente o graúdo da finança — acabar com a organização operária em crescimento e conquistar meio século, ou mais, de paz social; para isso, só a guerra, só uma boa e salutar sangria!... Demais, teremos em breve a bancarrota da Rússia e é urgente arranjar um «caso de força maior». Se não, é a revolução. «Bem sabemos que a França ficará mais esmagada do que em 1870; mas nós, os financeiros, ganharemos sempre, e reconstruiremos sobre as ruínas.» «A questão de saber quais serão os vencedores ou os vencidos é-nos indiferente; no fim de contas, o nosso inimigo, o proletariado, é que será vencido, e nós é que seremos os vencedores.»

Ante este cinismo brutal, não nos deve surpreender o impudor da imprensa, mentindo arrojadamente para encobrir a oposição á guerra e animar os *chauvins*. E' um expediente de luta.

Neno Vasco.

A "Lanterna" diaria

Chegam-nos as demonstrações de apoio

Foi recebido com inegavel interesse a noticia da transformação da *Lanterna* em cotidiano.

Numerosas são já as demonstrações de apoio que temos recebido. Muitos amigos e correligionarios vieram pessoalmente trazer a sua solidariedade nesta iniciativa de grande importancia para a propaganda.

Aguardamos a pronta resposta de todos os nossos amigos para meter mãos á obra.

***

Deixando para o proximo numero diversas comunicações recebidas a proposito, damos abrigo á seguinte carta;

"Sr. redactor;

Entusiasmado li no ultimo numero de seu apreciado jornal a noticia da iniciativa por v. s. tomada de o publicar diariamente. Diante da pergunta dirigida aos amigos da *Lanterna*, a todos os homens livres, venho declarar que estou de pleno acôrdo com a ideia e pronto para cooperar para a sua realização na medida de minhas forças.

Na minha alma de homem livre de preconceitos, de fervoroso servidor dos principios modernos de emancipação humana; na minha alma de revoltado, dói profundamente a verificação das graves injustiças que todos os dias entre nós se praticam, dos factos indecorosos que por aqui e por ali se vêem, sem que uma voz independente e forte e enérgica se levante com um protesto. Dóem-me como punhaladas as palavras subservientes dessa imprensa venal e estupida que vejo por aí alardeando servilismo e pouca vergonha, lambendo os pés do primeiro mastim que se lhe pôr defronte munido dum punhado de níqueis. Os factos os mais indecorosos são noticiados por esses traficantes com o maior cinismo, atentem embora contra a verdade, firam embora o bom-senso, aniquilem embora os mais comezinhos principios de liberdade. Só visam um fim unico, um unico ideal, a subvenção dos cofres publicos. Só para isso trabalham, só para isso vivem as suas putridas consciencias. Bajulam, intrigam, prostituem-se para a consecução da mamadeira do govêrno. Depois de alcançado o desiderato, sabujam, tecem, servilizam-se para conservar a subvenção do dinheiro publico.

Eis o quadro desolador da nossa imprensa, eis de que é composto o pão espiritual que alimenta as celebradas "massas". E o povo não vê essas coisas e, se vê, continua passivamente contribuindo para essa indigna mercancia, á falta de um cotidiano independente, que lhe forneça as noticias dos acontecimentos locais e mundiais e ao mesmo tempo sirva aos seus interesses, defenda-lhe os seus direitos com frequencia conspurcados. A *Lanterna* semanal não lhe pode prestar esse valioso auxilio. Urge pois transformá-la em diario, conforme v. s., reconhecendo tambem a necessidade de nosso publico, demonstra desejo de o fazer.

Eu aqui estou para prestar-lhe o concurso das minhas fracas forças, e estou certo que do nosso lado estarão todos quantos, libertos de preconceitos, ansiosos de justiça, com a consciencia clara e humanitaria lançar as vistas por sobre a esterqueira imunda dos nossos jornais de todos os dias.

Do seu, etc.

Affonso de M. Carvalho."

As contradições dos Evangelhos

Vamos terminar o nosso estudo.

Poder-se-ia, é verdade, escrever um livro a respeito do assunto que constitue a epigrafe de nosso trabalho. Não é esse, no entanto, o alvo que visamos. Quizemos dar ao benevolo leitor palida ideia do valor dos pseudos livros sagrados. Outros assuntos mais importantes demandam, por outro lado, nossa atenção.

***

Os milagres nos evangelhos, os nomes dos discipulos de Jesus diferentes; a traição de Judas, narrada de modo diverso nos sinopticos e em João; a hora da morte de Jesus, Marcos e João dando horas diversas das indicadas por Lucas e Mateus, e discordantes tambem entre si; a inscripção da cruz diversa em cada evangelista; a genealogia do Cristo diferente em Mateus e Lucas, tais são as principais contradições, além das que já notámos, que se encontram nos Evangelhos.

A concepção do Cristo do quarto evangelista (João) difere da dos sinopticos como a agua do vinho.

No ultimo se nos apresenta um Jesus impertinente, irritante, recordando a cada passo a sua qualidade messianica; nos primeiros Jesus é mais humano, mais afavel, mais simpatico.

Sob o ponto de vista literario os Evangelhos constituem uma verdadeira obra prima.

Nada mais eloquente que a predica de Jesus que se lê no cap. XXIII de Mateus.

Na impossibilidade de a transcrevermos toda veremos alguns trechos que se ajustam como uma luva á classe sacerdotal catolica:

"Então falou Jesus ás turbas e aos seus discipulos. (v. I.) (v. 5.) E fazem todas as suas obras para serem vistos dos homens, por isso trazem as suas largas tiras de pergaminhos e grandes franjas (v. 6). E gostam de ter nos banquetes os primeiros lugares e nas sinagogas as primeiras cadeiras (v. 7). E de que os saúdem na praça e os chamem mestres"...

Rio, 25 — 12 — 1912.

Eduardo Vital.

Contra a lei-arrocho

Ainda os protestos — Reuniões e comicios — A Liga Anticlerical pediu o apoio da F. I. do Livre Pensamento

A Liga Anticlerical

A Liga Anticlerical do Rio de Janeiro votou em sua ultima assembleia a seguinte moção sobre a lei de expulsão de estrangeiros;

"Propomos que a Liga Anticlerical, por intermedio do seu orgam oficial — *A Lanterna* — e por meio de outros jornais desta capital, se possivel fôr, proteste contra a lei de expulsão recentemente votada pelo Congresso Nacional;

Que oficie tambem á Federation Internationale de la Libre Pensée de Bruxelas pedindo á mesma auxiliar-nos na propaganda contra essa lei inquisitorial, a qual desde que for conhecida na Europa causará a paralização da emigração para o Brazil, terra onde os jesuitas que a governam vivem a forjar leis como esta para sufocar a liberdade de consciencia, pizando assim o direito primordial do povo trabalhador e desfazendo ao mesmo tempo uma das bases principais da Constituição da Republica Brazileira aprovada em 1891.

O meio que propomos para protestar pelos jornais é uma moção aprovada pela presente assembleia, a qual é a seguinte:

"Considerando que a lei de expulsão aprovada pelo Congresso Nacional foi creada com o fim exclusivo de impedir o desenvolvimento da propaganda de organização da classe proletaria;

Considerando que essa lei será o pretexto para se perseguir todo operario, ou antes todo homem conscio dos seus direitos;

Considerando que essa lei será de consequencia funesta para o progresso da civilização no Brazil;

Considerando emfim que essa lei veio ferir a dignidade do proletariado tanto estrangeiro com nacional e, ainda que, eliminou uma das bazes da Constituição Brazileira aprovada em 1891, constituindo um retrocesso de civilização;

A Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, em assembleia geral ordinaria em 2 de Janeiro de 1913, resolveu protestar energicamente contra essa lei inquisitorial opressora da liberdade individual e de consciencia, portanto o mais sagrado direito do homem. — *Amilcar Boni, Adolfo Busse.*"

No Rio realizou-se uma reunião — Um proximo comicio.

Promovida pelo Centro Cosmopolita, realizou-se no Rio, na segunda-feira passada, uma reunião de protesto contra a lei infame da jesuitada da oligarquia paulista.

A's 10 horas da noite, sob a presidencia do dr. Caio Monteiro de Barros, que convidou para a secretariarem os srs. presidente do Centro Cosmopolita e Cecilio Vilar, da Confederação Operaria Brasileira.

Fala em primeiro lugar o dr. Caio de Barros, que declara quais os fins da reunião.

Fala depois Cecilio Vilar, que em nome da Confederação Operaria, protesta contra a lei e historia as perseguições praticadas com os trabalhadores de Santos.

Fala tambem o operario Candido Costa, que se alonga em considerações tendentes a fazer salientar a infamia da lei de expulsão.

Segue-se com uso da palavra o presidente do Centro Cosmopolita, que explica qual a acção da sua colectividade prometendo incondicional apoio ao protesto contra a lei.

Francisco Vilar tambem faz algumas considerações dando a sua adesão ao protesto.

Bento Alonso diz depois de sua justiça.

Fala Rafael Serrato Munhoz, que censura asperamente a lei, e aconselha que os operarios saibam cumprir com o seu dever, terminando por aventar a realização dum comicio publico.

Manoel Consard tambem se declara solidario com o protesto.

Pedro Matero lê o seu protesto contra a lei.

Luiz Gonzaga fala em nome da S. de Resistencia dos Trabalhadores em Trapiche e Café.

Fala um outro trabalhador que sensatamente expõe a sua opinião.

Segue Aires de Castro, que diz o que a seu ver é a lei e faz varios comentarios.

Mariano Garcia, faz uso da palavra, para declarar que ele ja fez o seu protesto.

Fala ainda Cruz e Silva, que dá a sua adesão ao protesto.

Foram presentes á mesa moções e propostas e entre elas uma para se promover um comicio publico, ficando indicada uma comissão para esse fim.

Fala de novo o presidente, que reforça o seu protesto contra a inconstitucional lei aprovada de afogadilho pelo Congresso.

Em Santos a policia impediu a realização de um comicio.

Em outra parte do jornal publicamos um artigo de João Crispim sobre as violencias praticadas pela ridicula figura do delegadete daquela cidade para impedir a realização de um comicio de protesto contra a lei de expulsão.

A Federação Operaria distribuiu profusamente um energico manifesto convidando o povo para o comicio que se deveria realizar ás 2 horas da tarde de domingo.

Essa reunião tinha por objecto protestar contra as leis sceleradas argentinas e ao mesmo tempo contra a lei de expulsão brasileira.

A policia, em honra á Constituição, impediu a sua realização, prendendo diversos operarios.

Entretanto, o protesto foi lançado com o manifesto distribuido.

Uma reunião em S. Paulo

Para tratar da formação de um comité de agitação, realiza-se, hoje nesta capital, uma reunião preparatoria.

EM PROL DO IDEAL

Impressões de viagem

Notas de um peregrino em propaganda pelo interior do Estado

A dezoito de dezembro, afinal, saí de Ribeirão Preto, partindo para zonas diversas.

Assim, deixando aquela importante cidade, permaneci por alguns momentos, de passagem, em

Vila Bomfim

Cheguei pela manhã e tratei de aproveitar o tempo, que estava bom, fresco e agradavel.

O meu serviço naquela localidade era pouco. Há ali menos de meia duzia de assinantes d'*A Lanterna*, que visitei com facilidade, porque todos moram nas próximidades da estação.

O sr. Roberto Clarck, por exemplo, encontrei-o logo na platafórma e dei-lhe um abraço.

Gostei de conhecel-o

Depois, fui pela vila, percorri algumas de suas ruas e observei o seu progresso.

Bomfim é um lugar, pequeno embora, mas com edificações bem dispostas, ruas alinhadas, limpas, com bons estabelecimentos comerciais, farmacia, etc.

E logo, feito o meu serviço, voltei á estação, para tomar o trem das 11 e tanto da manhã. E aí, por acaso, tive o prazer de ver o doutor Parmenio Ramos, distinto medico residente em Ribeirão Preto, que tem uma grande clientela naquela vila.

Acabava de chegar para atendê-la em seu consultorio, que fica em frente da estação, quando eu lhe perguntei si apreciava a leitura d'*A Lanterna*.

— Sim. *A Lanterna* é um bom jornal, mas não posso com sua ortografia, não posso com semelhante reforma — respondeu-me.

— Mas, doutor, disse-lhe eu: a reforma ortografica, para *A Lanterna*, faz-se necessaria, porque ela é uma folha popular, lida por operarios, que precisam ser doutrinados de acôrdo com as idéas modernas. Eis ahí a razão, dr.

E pedindo-lhe desculpas por isso, cumprimentei-o e parti de Bomfim, dirigindo-me á cidade de

S. Simão

Era já tarde quando cheguei. Entretanto, aproveitei o resto do dia, servindo-me do auxilio do sr. José Luiz de Carvalho, que me acompanhou pela cidade na visita aos assinantes da nossa folha.

A sua gentileza me valeu muito. Se não, que dificuldade! Seria preciso um tempo enorme.

Tudo, assim, foi bastante facil. A' noite já tinha visitado quasi todos, tendo conseguido receber alguma [illegible] para a manutenção d'*A Lanterna*.

A impressão recebida nesse passeio não foi má. São Simão é uma cidade, como quasi todas do interior, que são servidas pela Mogiana. Regularmente adiantada pelo lado material, possuindo ruas bem tratadas, edificações boas, casas comerciaes, farmacias, hoteis, agua encanada, rede de exgôtos, luz eléctrica, etc. — ressente-se, todavia, da falta de alguma coisa mais, para se tornar completo o seu progresso, para melhor e mais poderosamente se impôr á admiração de seus visitantes.

Entenderam-me? Sabem do que quero falar? E' da falta de desenvolvimento de idéas modernas ali, no meio daquele povo. Ali há tudo, mas não há um centro anti-clerical, não há um centro operario que obedeça os principios do sindicalismo revolucionario. O que impera em S. Simão é o clericalismo, é o despotismo do clero, que, actualmente, prevalecendo-se da condição favoravel em que se encontra, prepara o bote, afia as garras, ameaçando extorquir ao povo grandes somas de dinheiro a pretexto de cobrança de impostos relativos á fabrica daquela paroquia.

E ali não há quem proteste, não há quem se insurja contra semelhante extorsão! E se alguem se atreve a tanto, como fez o redactor d'*A Cidade*, folha que ali se publica, não encontra, da parte do povo, a necessaria solidariedade.

E porque?

Não sabem!

Facil é explicar. O clero em São Simão domina a maior parte do povo, causando grande prejuizo á marcha do progresso intelectual. Eis aí, em ligeiros traços. o que pude observar.

Depois, terminados os meus serviços, segui rumo de

Bento Quirino

Pensam que é uma cidade? Não. E' uma povoação servida por duas estradas de ferro: a Mogiana e a São Paulo e Minas. Ao redor dos edificios da estação, do escritorio e oficinas se destacam alguns estabelecimentos comerciais, hoteis e casas particulares.

Não é preciso a gente sair da plataforma da Mogiana para ficar conhecendo o progresso da povoação, que deixei logo, uma hora depois da chegada, partindo com destino á importante cidade sul mineira

S. Sebastião do Paraiso

A locomotiva da S Paulo e Minas ? e deu que pensar. Com seus silvos, a arrastar o comboio através de campos e florestas, parecia incendiar o mundo com as fagulhas de sua chaminé.

Devéras, tive medo; principalmente quando, encostando-me á janela do carro, vi que a manga de meu paletot pegava fogo. Quasi gritei. Mas, tambem, que adiantava? Lá por aquelas bandas não há bombeiros.

O que fiz, então, foi evitar o perigo: suspendi a vidraça e puz o coração ao largo.

E foi o que valeu. Assim, pela tarde, pisava em terra de Minas: estava na estação terminal daquela linha ferro-viaria.

Apareceu-me logo um hoteleiro a oferecer-me hospedagem:

— O sr. quer um hotel?

— Sim.

— Então vamos — disse-me ele, tomando as minhas malas.

E dahí a poucos momentos estava eu bem alojado em seu hotel, no coração da cidade, a pensar na propaganda das idéas modernas entre os habitantes de S. Sebastião do Paraiso.

Ali era um campo nunca visitado pelos propagandistas. Nem Oreste Restori havia falado de socialismo e de anarquia naquela cidade.

Entretanto, não perdi tempo. Tratei de perguntar ao sr. Francisco Mandelo, proprietario do hotel onde eu estava, se havia naquela cidade alguma associação operaria.

— Sim, disse-me ele. Há aqui uma nova. O presidente é o Pasqual Le Senéchol. Mora aqui perto. Quer ir ve-lo?

— Sim.

— Então, vamos.

E aproveitei-lhe a boa vontade, resolvendo logo a questão.

Tanto para a realização duma conferencia de propaganda como para o protesto contra a iniqua lei de expulsão de estrangeiros não encontrei a minima dificuldade da parte dos membros da Liga Operária de S. Sebastião do Paraiso.

Coisa singular! Até o juiz de direito daquela comarca concorreu para o bom exito de meu intento, permitindo que a conferencia se efectuasse numa das salas em que funciona o tribunal do juri.

Belo exemplo de tolerancia.

Assim, a 22 de dezembro, á noite, com a presença de um auditorio numeroso, realizou-se naquela cidade a anunciada conferencia de propaganda da reforma social e bem assim o protesto contra a lei de expulsão de estrangeiros, tendo tambem usado da palavra o farmaceutico Marcilio Ribeiro, redator da *Tribuna do Sul*.

A sessão correu na melhor ordem, notando-se verdadeiro espirito de solidariedade no protesto contra a monstruosa lei que, aprovada pelo congresso, está dependendo apenas de ser sancionada para ser posta em vigor.

Não podia ser melhor nem mais profunda a impressão que recebi daquele povo ante os sentimentos de humanidade evidenciados pelo seu protesto.

Isto quer dizer alguma coisa relativamente ao progresso do espirito humano.

∴

No dia seguinte, depois de executados os meus trabalhos, deixava aquela cidade em demanda de outros pontos que faziam parte de meu itinerario.

Assim, depois de ter passado por Bento Quirino e São Simão, segui rumo da velha e bastante conhecida cidade de

Casa Branca

Parecia acordando para a vida, depois de um sono lento e profundo.

Casa Branca acordava de um sonho.

Nas suas arterias principais se moviam operarios armados. Era uma luta forte, energica, mas moderna, a que se observava pelas ruas, cujas entranhas estavam sendo rasgadas a golpes de pás e picaretas.

E para que?...

Para a construção da rêde de esgotos que a cidade precisava.

Depois, na estação, á hora do trem que vinha de S. Paulo, fiquei pasmo: musica, flores, foguetes, um regorgitar de povo, uma confusão festivamente entusiasmada, eis o que pude observar, mal contendo a minha curiosidade, sujeito aos encontrões das pessoas que se dirigiam para a plataforma

Era um delirio.

— Que é isso, perguntei, ancioso duma resposta.

— E' uma festa de recepção. Chega hoje o dr. Chiquinho, que obteve do governo a fundação de uma escola normal em Casa Branca.

E dito isto, apitava o trem. Musica, foguetes, aclamações se ouviram, num estrepito de alegria.

Depois dos discursos, dos abraços, o povo descia em grande prestito, acompanhando o homem que dotára aquela cidade com uma escola normal.

E eu, que não uso dar vivas a chefes politicos, fiquei quasi tonto, a esperar o trem que poucos momentos depois me devia conduzir a S. José do Rio Pardo.

J. Penteado.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

EM VOLTA DUMA VIDA PRECIOSA

Krapótkine em Portugal

Sob a epigrafe de "Krapótkine, nosso hospede", os jornais libertarios portugueses publicam o seguinte apêlo:

Camaradas — Um dos nossos jornais tornou publico que Pedro Krapótkine, necessitando tratar da sua saude em clima mais benigno que o de Londres, não o pode fazer este ano por falta de recursos — ele que, para se consagrar á propaganda das nossas ideias, abandonou privilegios, riquezas e elevados cargos.

Inutil dizer-vos quem é Krapótkine, e quem é sobretudo para nós. Na nossa grande familia libertaria, unida por uma vasta aspiração comum, ele é um dos membros mais queridos: para esse laço ideal que nos une, contribuiu ele com poderoso esforço; ele é um dos maiores mestres de todos nós. Aprendemos a estima-lo através das suas belas obras e perante o exemplo incitador dos seus belos actos. Nem só o conhecimento pessoal e o parentesco de sangue fazem as amizades e constituem as familias.

Não para adular «um chefe ou um idolo», que não temos, nem para «cumprir um dever» ou «pagar uma divida» mas para satisfazer uma necessidade do nosso coração, para obedecer á mesma força moral que levou Krapótkine a votar-se de corpo e alma a um apostolado, para dar expansão a um sentimento afectivo, como fariamos convidando um pai ou um dilecto amigo, lembramo-nos de convidar Pedro Krapótkine a passar entre nós uma temporada, a expensas de todos os seus camaradas e amigos. Pedro Krapótkine será em Portugal hospede dos anarquistas, de toda a familia que as ideias suas e nossas aqui formaram.

Estamos certos de que todos os camaradas apoiarão com ardor esta iniciativa. E se o fizerem todos, como esperamos, a todos será levissimo o sacrificio pecuniario — leve sobretudo em face do prazer de ter entre nós o nosso amigo é de contribuir para a sua saude e longevidade. Quinhentos anarquistas, pagando mensalmente uma quota minima de tostão (ou maior, se o permitirem as posses do contribuinte) e dando de entrada uma soma mais elevada (500 réis, por exemplo), para despesas iniciais e de viagem, poderão gozar esse prazer. E se Krapótkine porventura não vier, o dinheiro será empregado na edição portuguesa de uma ou mais obras suas.

Ninguem faltará! Ninguem deixará de se inscrever e pagar nas redacções dos jornais anarquistas ou de enviar adesões e quotas directamente ao tesoureiro, dr. Sobral de Campos, rua da Vitoria, 94, 1.º

Por um grupo:

Campos Lima, Manuel Ribeiro, Neno Vasco, Pinto Quartim, Sobral de Campos.

Achamos que os libertarios do Brasil devem apoiar com ardor esta iniciativa. Krapótkine tem aliás a simpatia calorosa, não só dos anarquistas, mas de todos os homens sinceros, que aspiram a uma humanidade melhor e amam o progresso: testemunha o conhecido politico francez Buisson, que espontaneamente enviou uma adesão entusiasta ao comicio de Paris em honra do grande pensador; testemunha ainda o escritor republicano portuguez Mayer Garção, cujo eloquente depoimento transcrevemos.

Encarregamo-nos de receber e transmitir á comissão de Lisboa todos os donativos por uma só vez e todos os compromissos de cotização mensal que os nossos amigos queiram enviar-nos.

Esperamos que sejam numerosos.

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Resoluções da assembleia geral ordinaria realizada em 2 de janeiro de 1913

A's 8 horas da noite, presente elevado numero de associados, foi aberta a sessão pelo 1.º secretario que pediu nomear-se um presidente para dirigir os trabalhos.

Ficou assim constituida a mesa: Estevão Boni, presidente; Carlos A. de Lacerda e Manuel Herculano dos Santos, secretarios; Abranches da Rocha, contador.

Procedeu-se á leitura da acta da assembleia anterior, sendo depois de ligeiras modificações aprovada.

Foi apresentado o balancete do mez de dezembro e nomeada uma comissão de dois membros, os srs. Manuel Esteves e Manuel T. de Almeida, para examinar as contas e dar parecer na proxima assembleia.

O 1.º secretario referiu-se ao andamento das aulas noturnas, que vão dando bons resultados, embora a sua frequencia seja ainda fraca em relação ao numero de associados inscritos.

Fez ver tambem que além dos cursos de francez, portuguez, aritmetica, geografia e historia, brevemente será inaugurado o de desenho geometrico.

Passou em seguida a ler uma carta recebida da Belgica e escrita pelo secretario geral da Fédération Internationale de la Libre Pensée, sr. Eugène Hins, pedindo para a Liga nomear dois delegados junto á mesma.

Foram nomeados, por unanimidade de votos, os srs. Léon Furnemont, tambem representante de Portugal, e o dr. Coelho Lisboa.

Foi lida, discutida e aprovada, havendo uma abstenção, a moção sobre a lei de expulsão de estrangeiros que publicamos em outro lugar.

∴

Foram distribuidas listas para angariar fundos afim de colocar-se uma taboleta na séde da Liga e para outros melhoramentos internos de muita urgencia.

∴

Todas as quintas-feiras, ás 8 horas da noite, a *Biblia comentada*, por Eugène Hins, traduzida do francez pelo 1.º secretario da Liga.

A entrada na séde é franca.

EM SANTOS

Contra os direitos do homem

Arbitrariedades policiais

Se as excentricidades sociais e morais da patria brazileira repercutem no exterior de forma que na Argentina e em outros paises as populações se armem de aventais de folha de Flandres ao pressentirem a aproximação da visita de nossa élite nacional, acostumada a penetrar e a fazer-se penetrar nos compartimentos intimos pelas portas dos fundos; se a cultura e civilização da nossa distinta e alta sociedade inspiram nos outros povos a ideia de que o imenso jardim desta grande nação é uma selva habitada por botocudos e macacos, surgem, por outra parte, grupos de homens que, com os seus actos de elevado prisma, demonstram ao Mundo que nem tudo o que aqui reluz é oiro falsificado e que em frente da proeminente e ancestral degeneração que campeia nas classes superiores e nos seus rebanhos, florece um novo elemento, uma força nova que trabalha, que luta para sanear, regenerar e ilustrar este povo, colocando-o á altura dos grandes principios de honradez, de verdade e de justiça, que nos conduzem ao porvir de felicidade e de amor.

Os bravos que nesta cidade formam parte dessa falange renovadora, bastante destimida para responder com redobrada tenacidade de luta ás represões insólitas dos indecentes régulos de casaca, de espada e de batina que praticam o crime para evitar a vulgarização dos seus delitos, trataram de realizar um comicio para fazerem publicamente um estudo e análise das leis sceleradas e liberticidas de que fazem galardão as diplomacias argentina e brazileira.

No vibrante manifesto publicado pela Federação Operária local, organizadora do comicio, declarou-se laconicamente que no Brazil não existe liberdade de associação, de palavra nem de reunião, que dentro do regimen que proclamára os Direitos do Homem era preciso que o povo voltasse a reclama-los.

E se alguem ainda duvidava destas verdades, para comprova-las, a autoridade, representada na pessoa do dr. Bias Bueno, digno discipulo dos jesuitas de casaca da nossa Faculdade e piedoso cristão, há pouco abençoado pelo papa, prendeu varios companheiros que distribuiam boletins de convocação e a comissão que foi entender-se com ele a respeito do comicio, e na hora em que este devia realizar-se compareceu, acompanhado de varios oficiais de policia e uma nuvem de soldados de infanteria e cavalaria, á Praça Telles, lugar indicado para a manifestação popular, e mandou fazer correrias e dissolver até os grupos de *um só individuo* e atropelar a facão e a pata de cavalo a quem não obedecesse, antes de receber, a ordem de dispersar!

Se bem o bacharel mandou, melhor o fizeram os oficiais e soldados. Como loucos começaram a percorrer, em atitude hostil, a praça e ruas adjacentes, em todas as direcções, a intimar e provocar aos manifestantes e transeuntes para ter o que fazer e não vir de São Paulo inutilmente. N e g r o s, brancos, mulatos, brazileiros, portuguezes, espanhoes e japonezes foram atropelados á voz de mata-galego!

Um dos oficiais queixava-se de não ter ensejo para matar sequer meia duzia de galegos, ao que outro acrescentou: «Seis sómente? Pois eu desejaria mandar ao menos uns 20 para a Santa Casa.»

Semelhantes educação e cultura são só dignas de macacos uniformizados ou de botocudos antropófagos habituados a destripar os sêres humanos que caem sob os golpes de sua arma profissionalmente homicida.

Que tigres!

Estamos porêm curados de espantos, porque sabemos perfeitamente onde se encontra a escola burgueza, capitalista, militarista e clerical de onde saem estes alunos — modelo de ordem, de conducta e galhardia, cujos procedimentos exibidos, são os seus melhores diplomas.

Tais pais, tais filhos...

João Crispim.

Santos, janeiro de 913.

União Grafica

Estando proxima a substituição do conselho eleito a 9 de julho de 1912, a União Grafica convoca mais uma assembleia geral extraordinaria para domingo, 12 de janeiro de 1913, ás 2 horas da tarde, em sua séde, sita á rua Riachuelo n. 43, onde os companheiros deverão comparecer para tratar-se da seguinte ordem do dia:

Leitura da acta anterior;

Parecer da comissão encarregada da fundação das oficinas da União;

Varios assuntos.

O conselho muito espera de toda a classe para o seu elevamento á altura que lhe é devida.

Pela linha Ituana, Jundiahi e Campinas

Avisamos os nossos assinantes das localidades servida pela linha Ituana e de Jundiahi e Campinas, que, dentro de poucos dias, serão visitados pelo nosso companheiro viajante.

Certos estamos que todos se esforçarão pelo bom exito do trabalho do nosso companheiro.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social ♣ ♣ ♣ ♣ ♣

Suissa

ROMEU MANZONI — No dia 23 de novembro, faleceu em Lugano o ilustre livre-pensador dr. Romeu Manzoni, nascido em 1848 na aldeia montanhesa de Arogno, á beira do lago de Lugano, duma familia de refugiados italianos. Pedagogo, escritor, orador, filosofo, o dr. Romeu Manzoi tinha fama universal, sendo apreciado pelo seu caracter, pelo seu saber e pelos seus livros, entre os quais citaremos *A morte de Giordano Bruno*; *O padre na historia da humanidade* (trad. em varias linguas); *Historia natural do homem*; *Darwin*; *Renouvier*; *O reinado dos padres*; *O Catolicismo e a Civilização*; *Os ensaios duma filosofia positiva*; *Vincenzo Vela*; *De Lugano a Pompeia*; *Os refugiados italianos na Suissa*. Romeu Manzoni era um militante activo do livre-pensamento, cuja causa perde nele um defensor de valor excepcional.

Turquia

MOVIMENTO OPERARIO — Em *L'Internazionale*, de Parma, o nosso amigo Alceste De Ambris dá o relato duma entrevista que teve com um operario italiano vindo da Turquia:

« — Existe na Turquia um movimento operario? Qual o seu caracter?

— Existe movimento operario em Salonica e Constantinopla; no resto só algumas esperanças.

Foi em Salonica que o movimento primeiro começou. Actualmente ha nesta cidade uma federação socialista, que compreende aproximadamente 20.000 membros, sendo a sua acção reformista e parlamentar. Foi em Salonica que conseguiram fazer eleger, nas penultimas eleições, um deputado socialista, Vlahof Effendi.

Em Constantinopla, o movimento é mais recente e menos importante, e a sua tendencia é sindicalista revolucionaria. Possui oito sindicatos, contendo aproximadamente 8.000 aderentes. Estes são os sindicatos de fabricantes de guarda-chuvas, de alfaiates para homens e para senhoras, cervejeiros, rolheiros, barbeiros, caixeiros e trabalhadores do porto.

Essas organizações estão reunidas por uma União de Sindicatos.

O movimento de Constantinopla é inteiramente independente do de Salonica, sendo as suas relações sómente limitadas aos socorros em caso de greve.

Nós temos confiança no futuro da organização sindical, se bem que a grande influencia que exercem ainda os Jovens Turcos sobre a massa operaria crie serias dificuldades. Mas a classe operaria é tão duramente esplorada, que não póde tardar em ressentir-se da necessidade de organizar-se, afastada de todos os partidos politicos.

Os operarios em Constantinopla teem com efeito salarios de fome: 1 franco e 50 a 2 francos e 50. Na *régie* dos tabacos otomanos (empresa otomana) os salarios são ainda mais baixos. Emprega crianças de dez a doze anos, que se tuberculizam rapimente, e a quem paga 0,69 de franco por dia, sendo aos adultos interdito o direito de sindicar-se.

Como vedes, nós devemos lutar contra grandes dificuldades, a que falta ainda juntar as que proveem da existencia dos partidos socialistas revolucionarios nacionais. E' assim que a *Dachtnatinntinn*, organização socialista armenia, que conta 150.000 membros, impede os operarios armenios, muito numerosos em Constantinopla, de entrar nos sindicatos. Os socialistas de Salonica, por seu lado, não desprezam nenhum meio para se tornarem donos do nosso movimento, e procuram, mas com pouco exito, constituir sindicatos reformisias e parlamentares. Mau grado seu, nós trabalhamos com confiança, e não desesperamos de poder criar na Turquia um vigoroso movimento francamente sindicalista.»

Bélgica

LIVRE-PENSAMENTO — Reuniu-se em 27 de novembro a Comissão permanente do Conselho geral da Fed. Int. do L. P. tomando conhecimento da formação duma Federação inglesa contra as leis sobre a blasfemia; da adesão da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro; da fundação duma sociedade livre-pensadora no Mexico; dos assuntos propostos pelos portugueses para o Congresso de Lisboa.

Espanha

AS COOPERATIVAS — O Boletim do Instituto de Reformas Sociais dá conta de se terem constituido novas cooperativas. Em Santander organizou-se com grande successo uma padaria cooperativa. No seu inicio fabricava diariamente 300 kilos de pão. Cinco mezes depois a fabricação elevava-se a 1.000 kilos. Essa cooperativa teve um capital inicial de 700 pesetas. A cooperativa socialista estabelecida em Bilbao possui um armazem central e uma sucursal rendendo 59.220 pesetas, mais 8.213 do que no primeiro semestre do ano findo. Em Ferrol tambem vai organizar-se uma nova cooperativa.

Inglaterra

GREVE DE FERROVIARIOS — Os ferroviarios da North Eastern declararam-se em greve, mas os empregados dos escritorios não aderiram. A greve tinha dez mil aderentes e prometia alargar-se. Os jornais eram transportados em automovel e o correio tinha grande atraso. Em Consett descobriu-se uma tentativa de descarrilamento que foi evitada. A gare de New Castle encontrava-se cheias de mercadorias. Ocasionou a greve a penalidade infligida a um maquinista,

A Companhia, o principio intransigente, começava a mostrar-se mais conciliadora, falando em examinar o caso. A mesma promessa fôra feita pelo ministro Mac Kenna. A greve ameaçava estender-se, tendo já consideraveis efeitos.

Holanda

MOVIMENTO LIVRE-PENSADOR — Segundo o relatorio de 1911-1912, publicado pela Federação holandesa do Livre-Pensamento, conta esta Federação 14 grupos com 1058 membros e 144 afiliados insulados cotizantes, ao passo que em 1910-1911 existiam 850 agrupados e 124 aderentes insulados.

Os grupos mais importantes são os de: Helder (400 socios), Amsterdão (350), Haia (190), Groningue (130). A Federação fizera-se representar no Congresso de Munich pelo dr. Frowein, Domela Nieuwenhuis e W. Havers.

O movimento em favor da saída das Igrejas cristãs e irraelita produziu 1146 declarações de saida.

NO RIO

O sr. Boto Machado realizou uma conferencia sobre o Livre Pensamento

No dia 5 do corrente, ás 9 horas da noite, o nosso ilustre correligionario sr. Fernão Boto Machado realizou uma brilhante conferencia no elegante salão do Gremio Republicano Portuguez.

A's oito e meia horas da noite, já o vasto salão do Gremio se achava repleto, com uma numerosa assistencia, notando-se muitas senhoras e senhoritas.

A's nove horas, o sr. dr. Bernardino Machado assumiu a presidencia da sessão, dando a palavra ao ilustrado conferencista.

O orador começou falando sobre a instrução, salientando os paises onde ela se desenvolve mais, não só ela como tambem a educação, que ele acha superior á primeira, mas que são necessarias ambas para o melhor desenvolvimento da humanidade.

Passa depois o falar sobre os livros que todos devem lêr; aconselha a que todos leiam as obras de educação, de sciencia e de sociologia, porque nestas o leitor aprenderá a amar o que é bom, e o que é belo, e adquirirá uma infinidade de conhecimentos, de que todos carecem, ao passo que as leituras de romances e outras especies de literatura, corrompe-nos o espirito e envenena-nos o pensamento.

Diz que a humanidade caminha para um ideal, e que ele tambem tem esse mesmo ideal, mas que não é um ideal que desaparece como o fumo de um charuto; é o ideal da perfeição e da beleza, para onde toda a humanidade caminha, embora muitos digam que é uma utopia, mas coisas há, hoje, que já foram consideradas utopias, e no entanto são realidades. Nós caminhamos para a beleza e para a perfeição.

Passa a falar sobre a mulher dizendo que ela deve ser educada, e possuidora de bastantes conhecimentos, e que tendo estes dotes a mulher é uma escola porque saberá educar os filhos e até o proprio marido.

Fala sobre o clero, praga daninha, que procura na mulher o seu maior auxiliar. A mulher tem-lhe sido o maior baluarte e ele procura-a, porque sabe que ela é a educadora dos filhos, e quem melhor póde auxilial-o a propagar as doutrinas da hipocrisia e da mentira. Depois, em frazes vibrantes, combate a religião catolica.

Fala sobre a lei da separação da Igreja do Estado em Portugal, e acha ele que é a mais importante obra do governo da Republica e que em breve, o seu maior inimigo, que é o clero, não existirá mais em Portugal.

O orador, ao terminar, foi alvo duma prolongada salva de palmas, como por vezes suceda na sua importante conferência.

Pela Araraquarense

O nosso companheiro João Penteado vai percorrer a linha Araraquarense.

Ficam avisados os nossos amigos das cidades onde possam ser organizadas conferencias de propaganda.

Sindicato dos Professores

Em vista das precarias condições economicas a que se acham reduzidos e do desprezo com que os tratam os poderes publicos do Estado, principalmente o Legislativo, que todos os annos lhes atira como afronta um projecto de restabelecimento de vencimentos, emquanto a senta desassombradamente um verbas para despezas desnecesasarias e eleva vencimentos de outros funccionarios do Estado já bem remunerados, diversos professores reuniram-se e resolveram constituir o Sindicato dos Professores Publicos, que terá por fim promover pela imprensa tenaz propaganda em favor da classe humilhada. Este Sindicato terá apenas um síndico eleito pelos congregados, por tempo indeterminado, o qual receberá as contribuições dos sindicados e dirigirá a propaganda.

Bilhetes e recados

S. Paulo — J. E. da F: Entretanto o jornal lhe tem, sido enviado. Saudações.

Santos — J. do Campo: Foi-lhe remetido o pacote do folheto indicado. Saudações.

Ribeirão Preto — A. de Abreu: Não houve interrupção na remessa. Seguiram os ns. extraviados. Saudações.

Santos — J. Crispim: O companheiro mencionado já me havia participado isso. Saudações de todos.

S. Paulo — E. Canard: Recebemos o artigo, que será em breve publicado. Saudações.

S. S. dos Correntes — A. A. B: Isso de misterios ocultos não nos quadra. Basta-nos bem a Santissima Trindade... Saudações dos condenados cá do barco santo...

Sertãozinho — S. L.: A encomenda seguiu realmente com algum atraso. Queira desculpar-nos. Saudações.

Rebouças — J. K.: Isso é preciso ser feito de maneira que eles de nada saibam. Qualquer publicação nesse sentido po-los-ia de atalaia. Deve cada qual faze-lo directamente para não chamar a atenção. Saudações.

Ferraz — A. T.: Foi feita a modificação no endereço. Saudações.

Diamantina — A. M. da S.: Seguiram o livro e o recibo da assinatura. Magnifico para um comentario o tal boletim. Saudações.

S. José — C. Lippe: Foram-lhe remetidos diversos exemplares do n. indicado. Felicitemo-nos pelo desastre da escola paroquial. Oxalá todas da mesma especie tivessem igual sorte. Saudações.

Santos — E. Antunha: Recebemos a importancia da assinatura do comp. M. P. Saudações.

Sete Lagoas — P. T.: Já respondemos sobre a informação pedida. Os livros do E. M. que temos á venda são em espanhol. Na colecção completa ha abatimento. Saudações.

Pelotas — J. C.: Já acusámos o recebimento dos 24$. O pacote foi substituido pelo seu n. Saudações.

Rio — Jango: Aqui não consta o tal pedido de livros. Será conveniente dizer-lhe que nos escreva indicando-os. Saúde!

Juiz de Fóra — T. R. S.: Deves ter lido o recado sobre o tal lugar Responderam que avisarão quando resolverem preenche-lo. Seguro já estou eu nos livros do Padre Eterno... Os meus vintens não chegam para isso. A lista foi remetida com todas as indicações precisas. Convem reclamar no correio. Recebido o vale de 116$. Foram atendidas todas as anotações. Transmitiremos o recado ao Everardo. Publicaremos a correspondencia. Saudações.

Jaboticabal — J. dos S. P.: Recebemos a importancia de sua assinatura. Ainda não recebemos os *Sermões da Montanha*. Saudações.

Rio — Cecilio: Farás o obsequio de mandar ao Neno os ns. 1 e 2 da *Guerra*. Saúde!

Barretos — A. P.: Transmitimos imediatamente o seu endereço aos dois jornais indicados. Infelizmente, não apareceram mais nenhuma vez. Saudações.

Azeite para a "Lanterna,,

ENTRADAS

De assinaturas	956$000
Venda avulsa em S. Paulo e fóra	127$300
Subscrição voluntaria: M. C., S. José do Paraizo, 5$; V. Fernandes Bahia, 1$600. — Total	6$600
Saldo do n. 170	195$203
	1:285$103

SAIDAS

Composição dos ns. 170, 171 e 172	165$800
Por conta do debito da impressão	440$000
Clichés para os ns. 170, 171 e 172	20$000
Carretos	18$500
Selos	34$600
Dobragem	9$400
Despesas postais	$600
Bonde (no Rio)	1$000
Bonde (em S. Paulo)	1$000
Porcentagem do cobrador do Rio	18$730
Passagem a Petropolis	4$000
1 fechadura	1$000
Barbante	3$000
Penas	$300
Luz (novembro)	12$500
Porcentagem ao cobrador da Mogiana	90$500
Telegrama	1$600
Despesas de viagem no resto da Mogiana	300$000
Redacção (por c. de novembro)	100$000
Administração (p. c. do debito)	103$100
	1:325$630

RESUMO

Entradas	1:285$103
Saidas	1:325$630
Deficit	40$527

"A Sementeira"

Publicação mensal ilustrada de crítica e sociologia de Lisboa.

Insere retratos e biografias de escritores e artistas revolucionarios e livres pensadores, como (entre os ultimos puplicados) Wagner, Ema Goldman Tchernicheusky, Rapisardi, Guyau.

Assinatura anual: 1$200 (moeda brasileira).

Assina-se nesta redacção.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

EM PORTUGUÊS

Saturnino Barboza, *Ensaio de Critica Racionalista*	1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*	1$500
Raimundo Reis, *Breviario*, (Versos liricos)	3$000
Luiz Bulfi, *Greve de Ventre*	$200
A. D. White, *Historia da Luta entre a Sciencia e a Teologia*	3$000
Reflexões (verdades para o povo)	$300
Almanaque d'«O Livre Pensador»	$800
Guilherme Dias, *O que é o Celibato*	$200
Domingos Zapata, *As 67 celebres perguntas*	$200
R S. Morin, *O espirito da Igreja*	$200
Pedro de Melo, *Sonho Dantesco*	$200
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno*	$200
Natanael Pereira, *A Educação religiosa*	$200
José Prat, *A burguezia e o Proletariado*	$300
José Benedy, *Pedras Toscas* (versos livres)	$200
Enrico Malatesta, *A Anarquia*	$400
Chave do Esperanto	$100
Prito Bettencourt, *Catecismo Ateu*	$200
José Rizal, *Noli me tangere*	$800
A. de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
H. Malatesta, *Programa socialista anarquista-revolucionario*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro*	2$000
Otaviano Reinelt, *Um como não ha muitos*, (comedia de costumes nacionaes em 2 actos)	1$000
Carlos Dias, *Semeando para Colher*	$200
Paulo Bertheloth, *Evangelho da Hora*	$200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno*	2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)*	2$000
Fernando Pelloutier, *A União dos Sindicatos e a Anarquia*	$200

EM ESPANHOL

Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
André Girard, *Educación y Autoridad Paternal*	$100

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
Dios, por Suñer y Capdevila.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que se comen los curas, por Frey Gerendio.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.

Obras da Escola Moderna de Barcelona

Cartilla, primer libro de lectura	1$000
Las Aventuras de Nono. Segundo libro de lectura, por Jean Grave, 1 volume	1$800
El Niño y el Adolescente. Desarrolo normal — Vida libre. Segundo libro por Miguel Petit, 1 volume	1$800
Preludios de la lucha. Segundo libro por F. Pí y Arsuaga 1 volume	1$800
Sembrando Flores. Segundo libro por Federico Urales, 1 volume	1$800
Correspondencia Escolar (primer manuscrito) por Carlos Malato	1$800
Tierra libre. Fantazia comunista) por Jean Grave, 1 volume	1$800
Origen del Cristianismo. Quarto libro de lectura, 1 volume	1$600
Psicología E'tnica importantissimo estudio científico-sociológico de la humanidad, 4 vol.	7$200

Todas as obras acima são encadernadas.

Pelo correio mais 300 réis por volume.

Nesta redacção ou com o agente Antonio Orelhana, Rua Alegria, 49 (Braz).

EM ITALIANO

Enrico Ferri, *Dal Microbio All'uomo*	$200
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana*	$200

EM FRANCÊS

Les Prisons, Pierre Kropotkine,	$300
L'Esprit de Révolte	$200
René Chaughi, *La Femme Esclave*	$100
Jean Grave, *Léntente pour l'action*	$200
Elisée Reclus, *A mon Frére le Paysan*	$200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution*	$200
Urbain Gohier, *Aux Femmes*	$100
E. Malatesta, *Entre Paysans*	$300
M. Nettlau, *La responsabitité et la Solidarité dans la lutte ouvriére*	$200
Marc Pierrot, *Sur L'individualisme*	$300
Louis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique*	$100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére*	$100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat*	$100
» » *L'Esprit de Révolte*	$200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage*	$200
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale*	$100
Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics*	$100
Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politicien*	$100
Les Temps Nouveaux, *Contre la Guerre*	$200

CIRCULO DE E. S.
Conquista do Porvir

FESTA LIBERTARIA

O grupo dramatico deste centro social realizará, sabado, 11 de janeiro, ás 8 e meia da noite, no salão Alhambra, sito á rua Marechal Deodoro n. 2, uma soirée dramatico-dançante, em beneficio da escola operaria do mesmo centro.

PROGRAMA:

I — Irá á scena o comoventissimo drama em 3 actos, de David Chiossoni, *A irmã do cego* (La sorella del cieco).
II — Conferencias em portuguez e italiano.
III — O drama social *A canalha* (La canaglia).
IV — Grande quermesse com lindas prendas.
V — Baile familiar.

AOS ASSINANTES DE LONGE

A todos os nossos assinantes que residem em localidades distantes das linhas por nós percorridas, pedimos que nos remetam o mais breve possivel a importancia de suas assinaturas, pois estamos procedendo á revisão das listas de expedição afim de reimprimi-las.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldemar Carvalho, Ladeira 56-A;
Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;
Em Rio Grande — Sr. Germano Coelho Estima, Armazem Nova Aurora;
Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;
Em Bagé — Amantino O. Santos.

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32.
Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.
Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.
Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria.
Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quesada.
Avenida Passos, 122, engraxate.
Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.
Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.
Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.
Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, engraxate.
Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.
Rua Souza Franco, 64, Villa Izabel, com o sr. Pedro B. Matera.

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

IV

EM CAMPO

— Escolhei ambos á vontade neste guarda-roupa. E a proposito: sabeis onde são as minhas cavalariças?

— Visitei-as ontem e lá admirei um suberbo alazão.

— Será, pois, o vosso cavalo. Mais uma pergunta: não tereis perdido a bolsa?...

— A bolsa! exclamou Estocada, apalpando-se, embora nunca tivesse tido bolsa.

— Parece-me que deve ser esta... Aqui fica, sobre a chaminé...

A delicadeza do moço visconde comoveu Estocada, que buscava em vão uma frase para lhe agradecer. D'Etallondes, que percebeu o embaraço do gascão, apressou-se a dizer-lhe:

— Segundo ha pouco dissestes, ides pôr-vos em campo?

— Sim. Rondarei em volta do castelo, irei talvez até Abbeville, para vigiar Gerfaut e procurar os frades, que devem saber muito...

— E se precisarmos de comunicar?...

— Logo que haja novidade mando-vos Cabeça de Ferro.

— Cabeça de Ferro?

— Sim, o meu amigo, o meu companheiro de penas e fadigas. Um alentejo co

Cabeça de Ferro, constrangido, cofiava o bigode. O visconde estendeu-lhe a mão, que o flamengo apertou lisonjeado. Depois retirou-se.

— Que dizes a isto? perguntou Estocada.

— Parece-me que sonho!

— Não se trata disso agora. Mãos á obra, Cabeça de Ferro!

Os dois amigos, vestidos, calçados e armados, desceram por fim á cavalariça, onde encontraram La Barre, com quem Estocada conversou longamente. Depois, montados, um no cubiçado alazão, o outro num corpulento normando, sairam do castelo.

V

PERTO DO CONVENTO

No mesmo dia em que Estocada e Cabeça de Ferro sairam a cavalo, isto é, alguns dias antes de Flor de Maio firmar o documento acusador, saía de manhã do convento de Francières sóror Madalena, que gozava de certas imunidades pela sua rigidez, acompanhando ás vezes a Abbeville a irmã incumbida das compras e saindo sózinha frequentemente. Em volta do convento tinha os seus pobres e era querida, ao passo que dentro era temida. Naquela manhã, pois, saiu com uma cesta cheia.

— Sustentais vadios! grunhira a irmã despenseira.

— Em todas as partes ha vadios, até nos conventos, respondera sóror Santa Madalena. E os vadios que teem demais devem ajudar os que teem fome: é regra de Deus, irmã.

A meia hora de caminho do convento, á beira de um atalho e na orla de um bosque, havia uma cabana, habitada por uma familia composta de um casal e um menino de seis a sete anos, magro e enfermiço.

O homem, chamado Germano, era alto e robusto, de ar um tanto altivo; não olhava de frente e tratava de se esquivar ante as pessôas. A mulher, segundo um costume aldeão, usava o feminino do nome do marido, Germana. Gil era o nome do pequeno.

Não se sabe como nem de que viviam. O homem cultivava uma pequena horta; mas isso era absolutamente insuficiente. O que aumentava a sua miseria era não se atreverem a abandonar a cabana. Nunca iam a Abbeville. Germano só ia de vez em quando cortar lenha. A cabana, cujo pavimento era de terra batida, não tinha divisões, e os moveis eram escassos e miseraveis. O "pacto da fome" assolava então a França.

Nessa manhã, Germana tinha ao colo o pequenito, doente e queixoso.

— Mamã... mamã... tenho fome... gemia ás vezes a criança.

— Já comerás, queridinho, dizia a mãe, desesperada.

— Dói-me tanto...

E a mãe não sabia que responder: apenas estreitava mais o filho nos braços.

Germano, com a cabeça entre as mãos, esperava a comida — algumas cenoiras e dois ou três nabos, que se coziam numa panela.

— Isto ainda levará muito tempo a cozer-se? perguntou ele.

— E' num instante.

— Se ao menos eu pudesse vender a minha pele!... grunhiu ele.

— Coragem, Germano!

Ele encolheu os ombros.

— Coragem, é facil de dizer. Mas que coragem pode haver contra a fatalidade? Que será de nós? Isto está acabado... Só nos resta morrer...

O pequenito exalou um gemido debil e o pai ajuntou baixinho:

Felizmente, o nosso pobre Gil não tem para muito tempo. Breve estará livre...

Neste momento abriu-se a porta. O homem fez um movimento para se retirar, mas logo se tranquilizou, murmurando:

— Sóror Madalena!

Esta entrou e pôs a cesta sobre a mesa, perguntando:

— Como está o menino? E vós, minha pobre Germana?

A carmelita tirara da cesta dois pães de seis arrateis, duas garrafas de vinho, legumes, um bom pedaço de carne e uma tijela de manteiga, e curvava-se agora sobre a lareira para preparar o caldo, em quanto marido e mulher lançavam sobre o pão olhares cubiçosos.

— Por minha fé, tenho apetite, disse a freira. Fazei como eu...

Cortou para si uma delgada fatia e outras duas enormes, que untou de manteiga.

— Isto é para esperar o caldo. Germano e Germana devoravam.

— Ao menino, nada se deve dar, a não ser caldo e uma gota de vinho. Ouvis, Germana?

— Sim, irmã. Não tocaremos no vinho nem no caldo, disse o homem.

— Com certeza! ajuntou Germana.

Os olhos da freira marejaram-se de lagrimas. E pensava:

— Meu Deus! Porque sofrem tanto as tuas criaturas? Quando deixará de haver miseria no mundo que criaste?

Sentou-se e disse a Germana:

— Dai-me o menino; descansareis.

Germana depôs Gil sobre os joelhos da carmelita, que se poz a embala-lo.

— Dentro de três dias espero poder voltar com provisões.

— Sem vós, disse Germano, já teriamos morrido de fome.

— Ah! se todos fossem bons como vós, irmã! acrescentou Germana.

— Não me agradeçais, respondeu a carmelita; talvez não seja por pura bondade que vos socorro...

— Que quereis dizer com isso? exclamou Germana confusa.

Sóror Santa Madalena ficara pensativa.

— Sim, talvez no fundo da minha caridade haja um grave pecado. E' verdade que me salvaria a intenção...

— Pecado! exclamou Germano. Não, irmã, não sois das que cometem pecados. Se ha um deus, um verdadeiro deus de justiça, haveis de ser recompensada. Mas haverá um deus?...

— Duvidais, desgraçado! exclamou a carmelita, benzendo-se.

— Sim, duvido. Perdoai-me a franqueza, mas não posso crer na justiça de Deus. Eu, por exemplo, em quanto fui mau, indiferente ás desgraças do proximo, tive vida tranquila...

— Cala-te, Germano! disse a mulher.

— E logo que tive a desgraça de praticar uma boa acção, caí na mais espantosa miseria... Minha mulher morre de fome, meu filho não tem remedios... Ah! não! não ha deus, ou se algum existe, é muito injusto!

Germano falava com desespero e a freira não achava que responder.

— Falastes em pecado, disse então Germana. Mas como pode ser pecado socorrer pobres como nós?

— Foi a curiosidade, não a caridade, que aqui me trouxe pela primeira vez...

— A curiosidade? perguntou Germana, erguendo-se.

— Sim, parecia-me ter-vos visto algures, não me lembrava onde...

— Mas... não é verdade?

— E', sim... Quanto mais vos vejo, mais certa fico de me não ter enganado.

Germano empalideceu.

— Ha quanto tempo morais aqui?

— Ha uns dois anos...

— Vejamos: onde estaveis antes? Não era... perto de Amiens? Lembro-me: conheci-vos numa fortaleza do Estado...

Germana deu um grito e apertou o filho nos braços como para o defender, em quanto Germano caía sobre o seu mocho, murmurando:

— Estamos perdidos!

— Mas que tendes? disse a freira assombrada.

— Nada, irmã, nada...

— Porque vos perturbais? Ocultais algum crime? Nesse caso, sossegai: não tenho a missão de denunciar nem de julgar.

— Não! disse Germana, tremula. Crime, não praticamos... Mas...

— Oh! interrompeu de repente a monja, fixando Germano. Reconheço-vos bem agora!

— Desgraçados de nós!

— Fostes vós quem me abriu o calabouço de um preso que eu fui visitar...

— Piedade! Não me denuncieis! Piedade para meu filho!

— Fostes vós quem me levou ao governador da prisão...

Ah! exclamou surdamente Germano, com uma pancada na fronte. Tambem vos reconheço: sois a religiosa que sabia o nome do preso. Ouvi-vos pronunciar aquele nome... e corri a informar o governador. Foi uma acção má... Pagamo-la agora... Ides talvez vingar-vos... Ah! estamos amaldiçoados!

— Já vos disse que de mim nada tendes que recear, disse a freira com doçura.

— Não nos denunciareis?

— Prometo-vos de todo o coração.

(Continúa).